

EDUCAÇÃO FÍSICA: PRISIONEIRA DO SÉCULO XIX?

Ms. MARIA ISABEL BRANDÃO DE SOUZA MENDES
Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte
E-mail: medsek@terra.com.br

RESUMO

O presente ensaio discute mudanças que ocorreram no século XIX, relacionando-as com a reconstrução das cidades e tendo como foco, a era da velocidade, buscando as influências dessas mudanças para o corpo humano e para a educação física na contemporaneidade. Ao abordar que a educação física –, ao continuar a operar somente com o tempo do cronômetro, da quebra de recordes –, continuará prisioneira da velocidade desenfreada, do adestramento, da passividade corporal e do isolamento entre os indivíduos que marcaram o século XIX, sugere que essa área do conhecimento abra espaços para a temporalidade de cada corpo.

PALAVRAS-CHAVE: Educação física; corpo; velocidade.

O século da motorização impôs a velocidade como um valor mensurável, cujos recordes balizam a história do progresso, da máquina e do homem (Calvino, 1990, p. 58).

A experiência da velocidade tornou-se fundamental para a vida dos seres humanos, sendo considerada um dos fatos mais importantes da vida moderna. Inovações técnicas advindas do processo de industrialização contribuíram com a aceleração do tempo da vida, tendo como signos emblemáticos, a liberdade e o progresso.

Trens, automóveis e aviões passaram a fazer parte das paisagens, criando possibilidades para que o ser humano se desprendesse da sua geografia e da sua história. O mundo modificado pelos deslocamentos mais rápidos, ao mesmo tempo em que traz liberdades, provoca agonias singulares como relata Sant'Anna (2001, p. 14).

Dentre as diversas abordagens que tratam da velocidade desenfreada que emerge no século XIX, encontramos na narrativa de Italo Calvino, alguma das agonias que surgiram, em especial, a possibilidade de novos acidentes, quando o autor refere-se ao ensaio literário de Thomas De Quincey, datado de 1849. Diligências extremamente velozes viajam a noite, juntamente com um cocheiro adormecido. Veículo e condutor, perfeição técnica e corpo inanimado expressam o desligamento do viajante da precisão da máquina. Cavalos à 13 milhas por hora a correr pela estrada suscitam o medo da colisão com uma frágil caleche de vime que é conduzida a uma milha por hora por um jovem casal (Calvino, 1990). Além do risco que se corria, essas viagens, sejam de diligências velocíssimas, de trem ou de automóveis, além de possibilitarem o acesso rápido a longas distâncias, também suprimiram as paradas em lugares outrora visitados.

Desse modo, procurando discutir sobre mudanças que ocorreram no século XIX, relacionando-as com a reconstrução das cidades e tendo como foco central a era da velocidade, busco as influências dessas mudanças para o corpo humano e para a educação física na contemporaneidade. Para tanto, dividi o texto em três momentos. No primeiro, trato a influência da revolução de Harvey para os urbanistas modernos reconstruírem as cidades, buscando as relações para o corpo humano. No segundo momento, busco as influências que a velocidade desenfreada, emergente no século XIX, traz para a educação física na contemporaneidade. E, por último, no intuito de problematizar o modo da educação física operar com o tempo, quando ele se reduz ao tempo do cronômetro, da quebra de recordes, aponto a possibilidade de a educação física abrir espaços para a temporalidade de cada corpo.

A partir do momento que nascemos, nossos gestos vão sendo construídos e reconstruídos pelos diversos espaços nos quais convivemos. Nosso corpo vai internalizando regras e valores estabelecidos por toda a realidade que nos rodeia (Soares, 2001). Dessa maneira, os espaços urbanos agem sobre os gestos e contribuem com a educação do corpo.

Sempre em mutação, as cidades vão sofrendo alterações. E é com base na visão do corpo como um sistema circulatório, proposta pela revolução de Harvey¹ no século XII, que o mundo todo criou expectativas de alterações nos planos urbanísticos. Entretanto, foi no século XVIII que essas idéias consolidaram-se. “Construtores e reformadores passaram a dar maior ênfase a tudo que facilitasse a liberdade do trânsito das pessoas e seu consumo de oxigênio, imaginando uma cidade de artérias e veias contínuas, através das quais os habitantes pudessem se transportar tais quais hemácias e leucócitos no plasma saudável” (Sennett, 1997, p. 214). A influência da revolução médica, ao substituir a moralidade por saúde, contribuiu para que os engenheiros sociais relacionassem a idéia de saúde com a de locomoção e circulação.

Nesse sentido, as descobertas sobre o fluxo sanguíneo, a partir dos estudos de Harvey, juntamente com os ideais capitalistas que tinham como pressuposto o movimento individual na sociedade, teceram influências para que fosse iniciada uma ética da indiferença, como aponta Sennett (1997). Saúde e individualidade corporal transformaram as relações existentes entre os corpos e o ambiente. Quando essas novas descobertas foram aplicadas à pele, instituíram-se as ligações entre a nova anatomia e a cidade. A sujeira, portanto, passou a ser considerada uma inimiga, uma vez que se tornou responsável pela obstrução da pele, impedindo-a de respirar.

Desde então, as práticas de limpeza foram alterando-se. Os cuidados com a pele, ausentes na Idade Média, período no qual se priorizavam as partes corporais visíveis e os trajes, começaram a surgir. Os banhos retornam ao cenário do século XVIII, influenciados pelo aumento de monografias médicas que tratavam desse assunto. Há também, uma transformação no sentido da palavra limpeza. “A limpeza já não está ligada unicamente aos sinais da adequação vestimentar. Ela concerne a um objeto mais diretamente corporal” (Vigarello, 2002, p. 152).

1. William Harvey escreveu a obra *De motu cordis* em 1628. Foi um dos precursores da revolução científica pela descoberta sobre a circulação do sangue. Seus estudos contribuíram com a transformação sobre a compreensão do corpo humano, que há mais de 2 mil anos estava relacionada aos princípios relativos ao calor do corpo (Sennett, 1997).

Tanto as maneiras de asseio pessoal quanto as cidades sofreram mudanças, uma vez que a intenção era proporcionar maior facilidade às funções respiratórias e à circulação. Os grandes centros europeus, como relata Sennett (1997), iniciaram a partir de 1740, estratégias para cuidar da limpeza urbana. Buracos e depressões que continham urinas e fezes foram drenados, possibilitando a abertura de canais que desembocassem em esgotos. Cidades foram repavimentadas, para que as ruas se tornassem mais limpas. Entretanto, concomitante a essas inovações, surgiram diversas leis de saúde pública. O desenho urbano, portanto, partia da idéia de colaborar com a aquisição de um corpo saudável, limpo, que pudesse respirar livremente e deslocar-se com liberdade.

Destaca-se ainda, que essas mudanças que ocorreram nos centros urbanos, não atingiam os pobres, que eram mantidos afastados dos grandes centros. Desse modo, a preocupação com a higiene era dirigida a evocar a limpeza contra as práticas populares, uma vez que os pobres eram responsabilizados pelas epidemias que ocorriam, o que demonstra as desigualdades sociais. Ao falar sobre a limpeza na França nesse século, Vigarello (2002, p. 163) mostra que “evocar a limpeza é opor-se às ‘negligências’ populares, aos maus cheiros urbanos, às promiscuidades incontroladas. Na década de 1780, a crítica já não se restringe ao artificialismo dos aristocratas: logo as práticas do povo passam a ser reprovadas como jamais o foram”.

Sendo assim, ao serem constituídas por sujeitos considerados pobres, as multidões eram evitadas, apesar da cultura do Iluminismo incentivar a movimentação das pessoas. Porém, como em Paris a maioria da população vivia no limite da pobreza, a desigualdade que circulava pelas ruas foi capaz de incitar a população a realizar a chamada Revolta do Pão em 5 de outubro de 1789. Esse movimento pôde demonstrar a capacidade de organização desse grupo de pessoas que tinham em comum uma identidade, dando à “palavra ‘movimento’ um significado coletivo” (Sennett, 1997, p. 234).

No século XIX, no entanto, apesar de os urbanistas modernos inspirarem-se nos iluministas, concebendo as cidades como artérias e veias, o desenho urbano tinha como propósito a reconstrução dos espaços destinados à velocidade, capazes de permitir a circulação de grande número de indivíduos, bem como impedir a reunião de grupos ameaçadores. O corpo em movimento, ao evitar aglomerações, procurava a liberdade individual de ir e vir, o que possibilitava a repressão dos desordens. Concebido como a Idade do Individualismo, o século XIX, ao ter cidades planejadas por esse prisma, desvelava corpos individuais que, ao deslocarem-se, desprendiam-se dos lugares que se moviam e das pessoas com as quais conviviam. Corpos individuais que, ao desprezarem outros corpos, iam perdendo o ideal do

compartilhar. Velocidade e individualismo na sociedade moderna contribuíram com o amortecimento do corpo. Impossibilitados de vínculos, os corpos abriram espaços para a passividade (Sennett, 1997).

A velocidade, tida como característica marcante do século XIX, inspirou pintores dessa época; dentre os quais destaca-se Edgar Degas. Ao sentir o desejo de pintar o que via na modernidade, Degas transformava as cores em movimento. A liberdade que emanava de suas obras era motivo de entusiasmo para os jovens. Os cavalos e cavaleiros retratados nas suas pinturas expressam a inquietude desse tempo, em especial o quadro denominado *Nas corridas*, pintado em 1872 e o quadro *Cavalos de corrida* de 1885 (Coleção de Artes, 1997).

Outro artista que procurava expressar através de suas telas a dinamicidade do movimento foi Claude Monet, considerado um pintor da fugacidade. Ao pintar o mar, conseguiu representar seus aspectos mutantes, suas transformações, seus contínuos movimentos (Piqué, 1997).

A aceleração do tempo da vida na modernidade recebeu fortes influências da produção industrial, deslocando os seus ritmos originais em prol da produtividade. Kamper (1998), ao tecer comentários sobre o escritor alemão Ferdinand Kürnberger, nos faz perceber como era difícil a imposição desse novo ritmo da vida para uma pessoa que ainda não estava habituada a ele. Após ter saído da Alemanha e experienciado a vida nos Estados Unidos, Kürnberger, por não ter se acostumado com a enorme velocidade daquele país, retorna para sua origem e escreve um livro por volta de 1860, advertindo sobre a insuportável rapidez que vivenciou.

Nos transportes, as inovações tecnológicas, além de proporcionarem o aumento da velocidade, trouxeram conforto para seus passageiros. O que contribuiu para que, aos poucos, o movimento fosse transformando-se numa experiência passiva. As mudanças na confecção dos assentos, proporcionaram relaxamento e contribuíram com a imobilização do corpo. Tanto nos automóveis lotados quanto nas ruas repletas de pessoas transitando, a mudança social ocorreu, e o silêncio assegurou a privacidade. O que antes era considerado comum, ou seja, aproximar-se das pessoas e ser abordado por elas, tornou-se uma violação. A experiência do sentar, então, passa a impedir a sociabilidade que lhe era peculiar (Sennett, 1997).

A fase em que o ser humano é conduzido a sair da sua posição de pé para ficar sentado, tornando-se mais calmo nessa nova posição, é denominada por Kamper (2003) sedação, ou ainda, a sedação pode significar também o uso de medicamentos fortes para que o ser humano suporte a imposição do ficar sentado. Para esse autor, a sedação dos corpos ocorreu na tentativa de pacificar a natureza humana. No entanto, o domínio da violência humana parece ter provocado outros tipos de violência.

Na esfera tecnológica, [...] sem a menor consideração, obrigava-se e ainda se obriga o homem a sentar-se, e se lhe aplicam fortes medicamentos de efeitos imprevisíveis com o objetivo de acalmá-lo. O poder econômico e o político, por um lado, e a impotência do homem isolado, por outro, foram tão intimamente co-atrelados que a esperada redução da violência acabou por levar a um aumento da mesma, sendo que suas verdadeiras causas continuam tão obscuras como dantes (Kamper, 2003, p. 47).

As tecnologias também contribuíram com a melhoria de novas edificações, como, por exemplo, o uso da calefação, da luz elétrica e do elevador. Além de terem propiciado comodidade, prazeres, também colaboraram com a passividade corporal. Com relação ao elevador, “a atividade aeróbica foi trocada pelo simples ato de ficar em pé, para subir e, mais do que isso, em poucos segundos, afastar-se da rua e de tudo o que existe nela. Nos edifícios modernos, com ascensores e garagens subterrâneas, o movimento passivo do corpo conduz à perda de todo o contato físico com o exterior” (Sennett, 1997, p. 281).

A educação física na Europa, ao longo do século XIX, também contribuía com a passividade dos corpos. A burguesia, ao buscar a dominação do povo, controlava os gestos ao remodelar espaços e tempos, no intuito de inibir o que considerava grotesco, inútil e o que era responsável por desperdiçar energias, como as exposições de rua, os circos, cujos acrobatas e funâmbulos nos seus espetáculos exibiam gestos que ameaçavam a ordem, a limpeza e a fixidez (Soares, 1998).

Foi durante a primeira metade do século XIX que os estudos da mecânica influenciaram as práticas corporais. Para o corpo, era necessário corrigir as posturas consideradas inadequadas; e é somente na segunda metade do referido século, com o advento da termodinâmica, que o modelo energético se torna responsável pelas imagens do corpo. Inicialmente, o corpo era visto como um sistema de forças e posteriormente como um motor, o objetivo não era mais moldá-lo e sim adestrá-lo. Os aparelhos ortopédicos, que existiam e que eram considerados rígidos, dão espaço às máquinas que facilitavam o treinamento com base em movimentos fragmentados. Esses modelos inspiravam tanto a pedagogia escolar quanto a familiar, pois professores e pais se preocupavam em recuar a indolência, suprimindo a postura lânguida reveladora de ociosidade, em prol da vivacidade dinâmica (Corbin, 1991).

O corpo humano, ao receber cada vez mais a atenção das pesquisas científicas, vai sendo objeto de investigações que tinham como preocupação básica a produção para o mundo do trabalho. Como mostra Soares (1998), Etienne Jules Marey, nos anos 80 do século XIX, ao estudar o movimento contínuo realizado pelo trabalhador, suscita a dinamicidade do corpo em movimento. O método utilizado por esse médico e fisiologista foi a cronofotografia, que analisa o movimento através de contínuas fotografias.

Jules Marey, juntamente com Georges Demeny, ao estudarem por mais de 15 anos a locomoção humana, acabaram por influenciar a educação física. "Apoiados em novas e importantes sínteses teóricas, como por exemplo, a descoberta das leis da termodinâmica que permitiram a compreensão das relações entre calor e energia, consolidaram, para os estudos dos gestos humanos, uma racionalidade a partir da máquina" (Soares, 1998, p. 87).

Desse modo, o corpo individual, objeto da produção industrial, deveria ser controlado com o objetivo de render mais, e a educação física, ao estar pautada na racionalidade instrumental, era tida como um importante instrumento desse poder. Era, pois, considerada capaz de possibilitar o aumento de energia para que o trabalhador adquirisse maior rapidez e com isso poder proporcionar o aumento da produção.

EDUCAÇÃO FÍSICA NA CONTEMPORANEIDADE E A VELOCIDADE

E a educação física na contemporaneidade? Continua prisioneira da velocidade desenfreada? Continua contribuindo com o adestramento, com a passividade corporal e com o isolamento entre os indivíduos que marcaram o século XIX?

Ao refletirmos sobre esses questionamentos, percebemos que a proposta de tornar a vida mais rápida, para que seja possível alcançar um rendimento maior, também tem se manifestado na educação física quando ela prioriza a velocidade com o objetivo de render mais, seja no esporte de rendimento ou nas atividades do *fitness*. Nesse sentido, a educação física opera com o tempo do cronômetro, da quebra de recordes.

Diminuir segundos ou até mesmo centésimos de segundos torna-se a obstinação de milhares de atletas. Na última Olimpíada realizada no ano 2000 em Sydney na Austrália, observa-se que no geral os resultados obtidos não foram considerados satisfatórios para o mundo esportivo. Os 10.305 atletas que participaram em 34 modalidades, trouxeram poucas revelações e surpresas nos resultados, tendo como destaques o nadador holandês Pieter van der Hoogenband e a nadadora holandesa Inge de Bruijn. Pieter conseguiu a façanha de abaixar o tempo de 48s nos 100m, para 47s 84, sendo considerado o nadador mais rápido do mundo nessa prova. E Inge quebrou três recordes mundiais nas provas dos 50m e 100m rasos e nos 100m nado borboleta (*Almanaque Abril*, 2003).

A dificuldade de ultrapassar recordes já estabelecidos está relacionada aos limites do próprio corpo, como mostra Melo (2003). Esse autor destaca ainda que as ciências do esporte, no intuito de alcançar novas marcas, concebem o corpo humano como extensão dos laboratórios de performance, buscando então novas

tecnologias, novos treinamentos e equipamentos que possam contribuir com a superação desses limites. O corpo continua sendo considerado um objeto, que, ao ser manipulado, vai recebendo diversos elementos capazes de melhorar a performance.

Entre esses elementos, destaca-se o uso de substâncias farmacológicas, consideradas estimulantes, prática conhecida por *doping*. Para Fraga (2001), os defensores da liberação do uso de drogas capazes de ampliar o rendimento dos atletas estão fundamentados na idéia de que os treinamentos desportivos chegaram ao limite, não sendo eficientes como em épocas anteriores. As drogas, ao serem capazes de possibilitar a quebra de recordes num tempo cada vez menor, têm sido incessantemente divulgadas pelas companhias farmacêuticas, que encontram no esporte um grande mercado consumidor. Entretanto, as opiniões quanto ao uso desses medicamentos sintéticos são divergentes, uma vez que o corpo dos atletas estaria sujeito aos malefícios trazidos pelos efeitos colaterais em troca de sucesso momentâneo.

Outros elementos que contribuem para o aumento da velocidade são as vestimentas. Ao reduzirem o atrito com o ar, melhoram a aerodinâmica, como, por exemplo, a roupa desenvolvida especialmente para os nadadores, visualizada através das televisões que transmitiam as Olimpíadas de Sydney, que surgiu trazendo a possibilidade de substituir a tradição da raspagem dos pêlos dos atletas. Porém, não são somente os atletas que desfrutam das roupas esportivas, pois existe um forte apelo da mídia para que qualquer pessoa possa utilizá-las.

Sant'Anna (2001), ao remeter à história do esporte, mostra que a busca por formas aerodinâmicas tanto nas roupas quanto nos objetos pessoais, com o objetivo de alcançar maior agilidade, liberdade corporal e aumentar a velocidade de locomoção, tem influenciado também o cotidiano dos países industrializados, seja nas atividades de trabalho ou de lazer.

Cada dia aumenta o número de pessoas que caminham apressadamente nos calçadões das praias ou em parques públicos espalhados pelo Brasil. Corpos individuais que no geral, ao acelerarem suas passadas, ignoram os outros corpos que estão à sua volta. Enquanto os movimentos aceleram, os corpos tornam-se passivos. Ao aumentar a velocidade de locomoção, visualiza-se o isolamento entre as pessoas, uma vez que a preocupação primordial é com o desempenho particular de cada indivíduo.

A aceleração do tempo da vida infiltra-se no nosso dia-a-dia sem percebermos. Ao comentar algumas experiências relativas a essa aceleração, Kamper (1998) conta da sua chegada em Berlim. Ao andar pela cidade à procura de orientação, olhava para a cidade, olhava para as pessoas, quando de repente, um senhor mais idoso, que vinha caminhando velozmente, o abordou dizendo: "Moço, você deve estar doente; você está caminhando muito devagar" (Kamper, 1998, p. 33). Se

pararmos para refletir, encontraremos várias situações semelhantes a essa que tecem críticas contundentes aos ritmos mais lentos.

“O adjetivo *lento* resulta de comparações e é fruto de medidas, sempre culturalmente determinadas historicamente sujeitas a modificações inusitadas” como ressalta Sant’Anna (2001, p. 19). No entanto, a referida autora destaca que a lentidão não precisa necessariamente ser vista como oposto à velocidade, ou então ser vista somente de forma negativa. Não existindo, portanto, receitas para o bom uso da lentidão.

Todavia, percebemos que, se a educação física continuar a operar somente com o tempo do cronômetro, da quebra de recordes, continuará esquecendo do tempo do corpo, ou seja, do tempo que é definido pelo ritmo do próprio corpo (Kamper, 1998). A educação física, desse modo, continuará prisioneira da velocidade desenfreada, do adestramento, da passividade corporal e do isolamento entre os indivíduos que marcaram o século XIX. Continuará contribuindo, então, com a violência da sedação dos corpos. Sedação que não obriga o corpo a ficar sentado, e sim a ultrapassar seus limites, seja através de medicamentos ou não.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao saber que o movimento da história é dinâmico e que mesmo se transformando acumula traços de épocas anteriores, tive como desafio identificar algumas conseqüências da velocidade desenfreada advinda do século XIX para o corpo humano e para a educação física.

Nesse sentido, no intuito de problematizar a aceleração do tempo da vida, a educação física poderá abrir espaços para a espacialidade e a temporalidade de cada corpo. Para Merleau-Ponty (1999), a espacialidade e a temporalidade do corpo são dimensões do ser. Referindo-se à existência de cada ser em sua relação com o mundo vivido, a espacialidade do corpo significa a maneira pela qual o ser se realiza como corpo. Quanto ao tempo, ele surge da relação do corpo com as coisas, estando relacionado ao acontecimento, ao campo de presença do ser.

O tempo de cada indivíduo, portanto, ao estar relacionado à dimensão do acontecimento, não se reduz ao tempo serial, “o tempo cronológico (*Chónos*), mas estando atento ao tempo vivido (*Kairós*). A temporalidade não se restringe a uma sucessão de ‘agoras’, mas define-se como presença, conformando a memória, não como receptáculo de engramas ou exatidão, mas como registro de relações vivências e sincronicidade” como defende Nóbrega (2003, p. 165).

O tempo de cada indivíduo referido pela autora, tempo como acontecimento estando ligado ao tempo vivido, pode ser relacionado ao tempo do corpo que

Kamper (1998) propõe. Tempo em que o próprio corpo fixa limites para suas vivências em vez de ser guiado por regras exteriores. Temporalidade do próprio corpo que nos faz refletir sobre o modo da educação física operar com o tempo. Temporalidade como presença que problematiza a velocidade desenfreada, perseguida desde o século XIX pela sociedade e encontra reforços na educação física, quando ela opera exclusivamente com o tempo do cronômetro, da velocidade, da quebra de recordes e esquece do tempo do corpo vivido por cada indivíduo.

Desse modo, a educação física poderá abrir espaços para práticas educativas que despertem a criatividade, a reflexão, e que sejam capazes de desabrochar novos sentidos. Práticas educativas que, ao recusar a violência da sedação dos corpos, não se reduzam a incentivar quem é o mais veloz, quem chega primeiro, mas que possa contribuir com a descoberta das singularidades de cada um e com o reconhecimento do corpo do outro. Práticas educativas que permitam a sociabilidade entre as pessoas, o compartilhar, na tentativa de superar o individualismo que se afirmou desde o século XIX. Quem sabe a educação física não poderá trazer de volta à palavra movimento o sentido coletivo que se fazia presente no século XVIII?

Destaco, ainda, que as reflexões realizadas neste trabalho, não se esgotam por aqui; ao contrário, podem abrir caminhos para novos questionamentos.

Physical education: prisoner of the 19th century?

ABSTRACT: The present essay discusses the changes that happened in the 19th century, relating them to the reconstruction of the cities. Having as main subject the era of the speed, it discusses the influences of those changes for the human body and for the physical education in the present time. By considering that the physical education – while it continue operating only with the time of the chronometer, of the break records – will continue prisoner of the wild speed, of the trained body, of passivity and loneliness that marked the 19th century, it suggests that this area of knowledge opens spaces for the time of each body.

KEY-WORDS: Physical education; body; speed.

Educación física: prisionera del siglo XIX?

RESUMEN: El presente ensayo discute mudanzas que pasaron en el siglo XIX, las relacionan con la reconstrucción de las ciudades, y tiendo como enfoque central la era de la velocidad, busca las influencias de esas mudanzas para el cuerpo humano y para la educación física en la actualidad. Al acercarse que la educación física, al continuar sólo operando con el

(continua)

(continuação)

tiempo del cronómetro, de la quiebra de récords, continuará prisionera de la velocidad salvaje, del entrenamiento, de la pasividad corpórea y del aislamiento entre los individuos que marcaron el siglo XIX, sugere que esa área del conocimiento abre espacios para la temporalidad de cada cuerpo.

PALABRAS CLAVES: Educación física; cuerpo; velocidad.

REFERÊNCIAS

ALMANAQUE ABRIL. *A enciclopédia da atualidade*. São Paulo, 2003. 1 CD-ROM.

CALVINO, I. *Seis propostas para o próximo milênio*. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COLEÇÃO DE ARTES. *Edgar Degas*. São Paulo: Globo, 1997.

CORBIN, A. Os bastidores. In: ARIÈS, P.; DUBY, G. *História da vida privada 4*. da revolução francesa à primeira guerra. Tradução de Denise Bottman, partes 1 e 2; Bernardo Joffily, partes 3 e 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

FRAGA, A. B. Anatomias emergentes e o *bug* muscular: pedagogias do corpo no limiar do século XXI. In: SOARES, C. (Org.), *Corpo e história*. Campinas: Autores Associados, 2001.

KAMPER, D. *O trabalho como vida*. São Paulo: Annablume, 1998.

_____. O corpo vivo, o corpo morto. In: ALMEIDA, M.C de. et al. (Orgs.). *Polifônicas idéias: por uma ciência aberta*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MELO, J. P. de. Sacrifícios do corpo. In: ALMEIDA, M. C de. et al. (Orgs.). *Polifônicas idéias: por uma ciência aberta*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. 2. ed. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NÓBREGA, T. P. Corpo, estética e conhecimento. In: ALMEIDA, M.C. de. et al. (Orgs.). *Polifônicas idéias: por uma ciência aberta*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

PIQUÉ, A. P. et al. Dicionário biográfico de artistas II: L-Z. In: *História geral da arte*. Madrid: Ediciones Del Prado, 1997.

SANT'ANNA, D. B. de. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SENNETT, R. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Tradução de Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SOARES, C. L. *Imagens da educação no corpo*: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. Campinas: Autores Associados, 1998.

_____. (Org.). *Corpo e história*. Campinas: Autores Associados, 2001.

VIGARELLO, G. *O limpo e o sujo*: uma história da higiene corporal. Tradução de Monica Stahel. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Recebido: 26 mar. 2003

Aprovado: 30 abr. 2003

Endereço para correspondência
Maria Isabel Brandão de S. Mendes
Rua das Algas, 2190
Bairro Ponta Negra
Natal – RN
CEP 59090-410